

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia • Teologia • Prática

Volume 14
Número 1
Junho 2025

AS BEM-AVENTURANÇAS EM MATEUS 5: ESTRUTURA, SENTIDO E ATUALIDADE ÉTICA

The Beatitudes in Matthew 5: Structure, Meaning, and Contemporary Ethical Relevance

Me. Sósteni Silva¹

Dr. Valério Guilherme Schaper²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma leitura teológica e pastoral das Bem-Aventuranças presentes no Sermão do Monte (Mateus 5.1-12), destacando sua atualidade, aplicabilidade e implicações para a práxis cristã contemporânea. A pesquisa parte de uma abordagem hermenêutica e teológico-bíblica, incorporando também elementos analíticos da leitura “à contrapelo”, inspirada na filosofia de Walter Benjamin, enquanto categoria interpretativa que evidencia tensões entre desafio e recompensa nas beatitudes. A metodologia aplicada consistiu em análise textual e exegética das Bem-Aventuranças à luz de suas expressões linguísticas no hebraico e no grego, bem como no diálogo com teólogos clássicos e contemporâneos, como Agostinho, Lutero, Calvino, Wesley, Stott, Carson, Lloyd-Jones, entre outros. Os resultados apontam que as Bem-Aventuranças constituem não apenas uma descrição do caráter esperado dos discípulos de Cristo, mas um modelo ético de contracultura cristã frente às estruturas de poder, consumo e moralidade líquida da sociedade moderna. As Bem-Aventuranças apresentam-se como fundamentos para a reconstrução do ethos cristão, convocando líderes e membros da igreja a uma vida marcada pela humildade, mansidão, justiça, misericórdia, pureza e paz, como testemunho ativo do Reino de Deus. O estudo conclui que, mais do que ideais inatingíveis, as beatitudes são possíveis mediante regeneração espiritual, sendo a verdadeira espiritualidade cristã evidenciada por uma ética prática

¹ Doutorando em Teologia pelas Faculdades EST. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). E-mail: sostenisilva@gmail.com

² Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia e doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Diretor-geral da Faculdades EST. E-mail: valerio@est.edu.br

enraizada na Palavra e vivida na comunhão com Deus e com o próximo.

Palavras-chave: Bem-Aventuranças. Sermão do Monte. Ética cristã. Contracultura. Espiritualidade bíblica.

ABSTRACT

This article aims to provide a theological and pastoral reading of the Beatitudes found in the Sermon on the Mount (Matthew 5.1-12), highlighting their relevance, applicability, and implications for contemporary Christian praxis. The research adopts a hermeneutical and theological-biblical approach, also incorporating analytical elements from the “counter-current” reading inspired by Walter Benjamin’s philosophy, as an interpretative category that reveals tensions between challenge and reward in the Beatitudes. The methodology applied consisted of textual and exegetical analysis of the Beatitudes in light of their linguistic expressions in Hebrew and Greek, as well as a dialogue with classical and contemporary theologians such as Augustine, Luther, Calvin, Wesley, Stott, Carson, Lloyd-Jones, among others. The results indicate that the Beatitudes constitute not only a description of the expected character of Christ’s disciples but also an ethical model of Christian counterculture in opposition to the structures of power, consumerism, and liquid morality of modern society. The Beatitudes present themselves as foundations for the reconstruction of the Christian ethos, calling leaders and church members to a life marked by humility, meekness, justice, mercy, purity, and peace as an active testimony of the Kingdom of God. The study concludes that, more than unattainable ideals, the Beatitudes are possible through spiritual regeneration, with true Christian spirituality evidenced by a practical ethic rooted in the Word and lived in communion with God and neighbor.

Keywords: Beatitudes. Sermon on the Mount. Christian ethics. Counterculture. Biblical spirituality.

INTRODUÇÃO

A presente investigação parte do entendimento de que o Sermão do Monte, especialmente a seção inaugural das Bem-Aventuranças (Mt 5.1-12), representa não apenas um núcleo ético dos ensinamentos de Jesus, mas também um fundamento teológico e espiritual para a constituição da identidade cristã ao longo da história da Igreja.³

Ao longo da tradição cristã, diversos intérpretes lançaram mão de hermenêuticas que variam da leitura mística à exegese histórica, passando pela interpretação moralizante ou escatológica. Contudo, em um contexto marcado por transformações socioculturais aceleradas, por discursos religiosos descolados da prática ética e por formas de espiritualidade que tendem à superficialidade, impõe-se a necessidade de uma reaproximação séria, crítica e espiritual ao texto das Bem-Aventuranças, compreendidas aqui como chave hermenêutica para a práxis cristã autêntica.

Este artigo objetiva realizar uma leitura teológico-pastoral e exegética das Bem-Aventuranças, investigando sua atualidade enquanto proposta de espiritualidade encarnada. A metodologia adotada é qualitativa, de cunho teórico-analítico, fundamentada na interpretação bíblica e no diálogo com autores da tradição cristã como Lutero, Calvino, Wesley, Lloyd-Jones, Stott e Carson, em articulação com elementos da filosofia da religião e da crítica social, especialmente a categoria de leitura “à contrapelo”, proposta por Walter Benjamin, aqui assumida como ferramenta teórico-metodológica de leitura dialética das tensões presentes no texto bíblico.

³ AGOSTINHO. *O Sermão da Montanha e escritos sobre a fé*. São Paulo: Paulus, 2017.

A hipótese central é que as Bem-Aventuranças constituem uma proposta radical de espiritualidade transformadora, que não apenas descreve o perfil ideal dos cidadãos do Reino de Deus, mas exige um processo de regeneração pessoal e comunitária capaz de produzir frutos visíveis na vida social, eclesial e subjetiva do cristão. “Porque uma autêntica vida cristã, uma espiritualidade genuína só surge a partir de um encontro vital com o evangelho, com a Palavra de Deus”.⁴ Mais do que princípios morais, as beatitudes são compreendidas, neste estudo à luz de Stott, ou seja, como um itinerário de discipulado cristão que se inicia no reconhecimento da própria insuficiência espiritual e culmina na bem-aventurança escatológica de ver a Deus. Ao longo da análise, serão exploradas as implicações éticas, espirituais e eclesiológicas do texto, tendo como pano de fundo o desafio contemporâneo de viver uma fé coerente com o Evangelho em uma sociedade marcada pelo niilismo, pelo individualismo e pela desintegração dos vínculos comunitários.⁵

1. O SERMÃO DO MONTE COMO PROGRAMA DE VIDA CRISTÃ

A abertura do Sermão do Monte, especialmente por meio das Bem-Aventuranças (Mt 5.1–12), configura-se como uma introdução paradigmática à ética do Reino de Deus e, simultaneamente, como um programa formativo da identidade do discipulado cristão. Desde os tempos patrísticos, esse texto foi reconhecido como síntese normativa da vida cristã, conforme atestado por Agostinho de Hipona⁶, na qual declara: “Quem quiser meditar com piedade e recolhimento o sermão que nosso Senhor Jesus Cristo pronunciou na montanha, tal como o lemos no Evangelho segundo Mateus encontrará aí, creio eu, um programa perfeito de vida cristã destinada à direção dos costumes”. A compreensão agostiniana destaca o valor normativo e formativo do texto, ao interpretá-lo não como um discurso moral genérico, mas como expressão concentrada da doutrina cristã vivida.

O Sermão do Monte apresenta-se como núcleo ético-teológico dos Evangelhos sinópticos, especialmente do Evangelho segundo Mateus, e é caracterizado por uma radicalidade que atravessa tanto as exigências internas do coração humano quanto os imperativos públicos da justiça e da misericórdia. Jesus, ao dirigir-se aos seus discípulos e à multidão, não apresenta uma nova Lei nos moldes mosaicos, mas a plenitude da Lei (Mt 5.17), cuja interpretação é recolocada no eixo do Reino dos Céus. Para Stott, “o Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja o menos compreendido e, certamente, o menos obedecido”.⁷ Tal observação denuncia não apenas uma lacuna hermenêutica, mas também uma crise de recepção teológica e pastoral, em que a distância entre o ensino de Jesus e a vivência cristã se revela uma tensão histórica permanente.

Nesse sentido, o Sermão do Monte ultrapassa os limites da exortação moral e se configura como uma espécie de constituição do Reino.⁸ Nele, Jesus define quem são os bem-aventurados, quais são os traços esperados de seus seguidores e como estes devem viver em uma sociedade muitas vezes hostil à lógica do Reino. Não se trata, portanto, de conselhos opcionais ou ideais abstratos, mas de exigências fundamentais para os que foram regenerados pela fé e incorporados à comunidade messiânica.

A natureza contracultural do Sermão do Monte é um dos seus traços mais incisivos.⁹ Por isso, Stott propõe “uma contracultura cristã”¹⁰, confrontando diretamente os padrões estabelecidos pela religiosidade farisaica e pelos valores sociais fundados no orgulho, na competição e no legalismo. Em oposição à religião performática, Jesus aponta para uma espiritualidade interiorizada, que se revela no coração e nas relações. Ao abordar temas como humildade, justiça, pureza de coração e perseguição por causa da fidelidade a Deus, o texto desconstrói os referenciais convencionais de honra e bem-estar, invertendo as expectativas

⁴ CALDERÓN, Carlos Alberto. *Seguir a Jesus hoy, al estilo de las Bienaventuranzas*, Medellin (66), 1991, p. 257.

⁵ BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁶ AGOSTINHO, 2017, p. 15.

⁷ STOTT, John R. W. *A Mensagem do Sermão do Monte*. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1978.

⁸ LLOYD-JONES, D. Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. 9.ed. São Paulo: Fiel, 1981.

⁹ STOTT, 1978, p. 11.

¹⁰ STOTT, 1978, p. 30.

sociais sobre felicidade e realização.

O valor doutrinal e espiritual do Sermão do Monte também foi reconhecido por intérpretes reformados e evangélicos. O Sermão do Monte “nos ensina o verdadeiro caminho para a vida eterna [...] pelo caráter daquele que fala, temos a certeza de que Ele declarou a plena e perfeita vontade de Deus”.¹¹ Essa confiança na autoridade de Jesus como mestre e revelador da vontade divina é central para a tradição protestante, que historicamente compreendeu o Sermão como norma de vida para todos os cristãos, e não apenas para uma elite espiritual ou religiosa.

Em consonância com essa perspectiva, Myer Pearlman propõe uma leitura em duas partes do Sermão do Monte: primeiro, como descrição das qualidades do cidadão do Reino conforme expresso nas Bem-Aventuranças e, segundo, como apelo à decisão e à fidelidade prática, expressa na parte conclusiva do Sermão (Mt 7).¹² Essa estrutura pedagógica mostra a intencionalidade de Jesus em formar discípulos que não apenas ouçam suas palavras, mas que as pratiquem (Mt 7.24–27). O ensino de Jesus é, portanto, formativo, performativo e escatológico, pois orienta a vida cristã desde o presente até o cumprimento pleno do Reino de Deus.

O Sermão do Monte também assume relevância metodológica como modelo pedagógico do próprio Cristo. A forma como ele se senta, se dirige aos discípulos e utiliza expressões como “bem-aventurados” (*makárioi*) indica não apenas uma instrução discursiva, mas uma proclamação solene, litúrgica e formativa. Agostinho de Hipona observa que ao “abrir sua boca”, Jesus indica que agora fala por si e não por intermédio de profetas. Tal gesto reforça a autoridade messiânica e o caráter inaugural de sua mensagem.¹³

Por fim, o Sermão do Monte deve ser lido não apenas como texto normativo, mas como expressão espiritual de uma nova humanidade em Cristo. A proposta de Jesus é tanto um chamado à conversão quanto uma denúncia das estruturas injustas do mundo. Ele apresenta uma espiritualidade que começa na pobreza de espírito, passa pela fome e sede de justiça, e culmina na bem-aventurança escatológica: “verão a Deus” (Mt 5.8). A leitura contínua e meditativa do Sermão do Monte revela ao discípulo suas próprias fraquezas e o convida à transformação interior: “quanto mais leio esses três capítulos de Mateus, mais me sinto atraído e, ao mesmo tempo, envergonhado”.¹⁴

A atualidade do Sermão do Monte, portanto, reside precisamente na sua capacidade de confrontar, formar e consolar. Ele é ao mesmo tempo denúncia, consolo e convocação, um caminho de santidade que passa pela cruz e culmina na bem-aventurança eterna. Neste sentido, as Bem-Aventuranças não são meras exortações éticas, mas convites à participação no Reino de Deus, cujos critérios subvertem a lógica do mundo e nos chamam a uma vida marcada pela graça, pela justiça e pelo amor ativo.

2. A LEITURA À CONTRAPELO DAS BEM-AVENTURANÇAS

As Bem-Aventuranças constituem, à luz do Evangelho de Mateus (Mt 5.1-12), uma proclamação inaugural do Reino de Deus por meio de uma inversão radical de valores. A sua estrutura literária apresenta uma lógica paradoxal: são chamados bem-aventurados os pobres, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os perseguidos, categorias geralmente marginalizadas ou desprezadas em contextos marcados por relações de dominação, competição e sucesso pessoal. Essa inversão é central para compreender a natureza escatológica e profética da mensagem de Jesus. Tal dimensão subversiva do texto justifica a adoção, neste estudo, da categoria interpretativa proposta por Walter Benjamin (1940), a saber, a leitura “à contrapelo”¹⁵ da história e dos discursos dominantes.

¹¹ WESLEY, John. **O Sermão do Monte**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida, 2012.

¹² PEARLAMAN, Myer. **Mateus o Evangelho do Grande Rei**. Bangu: CPAD, 2021, p. 30.

¹³ AGOSTINHO, 2017, p. 16.

¹⁴ CARSON, D. A. **O Sermão do Monte**: exposição de Matheus 5-7. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 9.

¹⁵ Cf.: LÖWY, Michael. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, São Paulo, n.25/26, p. 20-28, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011.

Nas *Teses sobre o Conceito de História*, Benjamin propõe que o verdadeiro historiador é aquele que escova a história “a contrapelo”, ou seja, que a lê a partir da memória dos vencidos e dos oprimidos, desafiando a teleologia triunfalista das narrativas oficiais. Para Benjamin (tese VII)¹⁶, “a tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é a regra”. Transposta para a hermenêutica bíblica, essa leitura à contrapelo permite compreender as Bem-Aventuranças não como exortações abstratas, mas como uma denúncia teológica das estruturas injustas que desfiguram a criação e excluem os frágeis. Jesus, ao proclamar bem-aventurados os pobres de espírito, os que choram e os perseguidos, desloca o centro do discurso religioso e político da época, valorizando aqueles que não detêm poder, prestígio ou mérito.

Nesse contexto, a leitura à contrapelo das Bem-Aventuranças revela sua profunda dimensão dialética: cada desafio apresentado pobreza, luto, fome, perseguição é acompanhado por uma promessa escatológica que restitui dignidade, esperança e justiça.

TABELA 1: RELAÇÃO DESAFIOS E RECOMPENSAS DAS BEATITUDES

Desafio	Recompensa
“pobres de espírito” (Mt 5.3)	“o reino dos céus” (Mt 5.3)
“os que choram” (Mt 5.4)	“serão consolados” (Mt 5.4)
“os mansos” (Mt 5.5)	“herdarão a Terra” (Mt 5.5)
“os que tem fome e sede de justiça” (Mt 5.6)	“serão saciados” (Mt 5.6)
“os misericordiosos” (Mt 5.7)	“alcançarão misericórdia” (Mt 5.7)
“os limpos de coração” (Mt 5.8)	“verão a Deus” (Mt 5.8)
“os pacificadores” (Mt 5.9)	“Serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9)
“os perseguidos por causa da justiça” (Mt 5.10)	“deles é o Reino dos céus” (Mt 5.10)
“os insultados e perseguidos” (Mt 5.11)	“grande recompensa nos céus” (Mt 5.12)

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir do texto das Bem-Aventuranças (Mt 5.3-12).

As promessas “porque deles é o Reino dos céus”; “porque serão consolados”; “porque herdarão a terra”, etc. não funcionam como recompensas meritórias, mas como manifestações da graça de Deus dirigida a quem reconhece sua própria insuficiência e clama por justiça. Essa estrutura dialética entre presente de sofrimento e futuro de restauração é constitutiva do imaginário bíblico e expressa a tensão entre o “já” e o “ainda-não” do Reino.¹⁷

A leitura benjaminiana também nos permite problematizar a recepção histórica das Bem-Aventuranças. Ao longo da tradição cristã, em diversos períodos, especialmente na Idade Média, essa passagem foi frequentemente interpretada dentro de uma lógica de distinção entre os religiosos e os leigos, como se o ideal de vida proposto por Jesus fosse aplicável apenas àqueles que abandonaram o mundo em

¹⁶ Cf.: BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História In: BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

¹⁷ MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início**: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007.

favor de uma vida monástica ou consagrada. Essa leitura dualista acabou por tornar as Bem-Aventuranças um ideal inalcançável para o cristão comum, gerando um abismo entre espiritualidade e vida cotidiana.¹⁸

Essa cisão é rompida na teologia reformada, especialmente por Martinho Lutero e João Calvino. Para Lutero, o Sermão do Monte não é uma ética reservada a uma elite, mas um chamado universal à santidade, acessível a todos os crentes mediante a justificação pela fé. Já Calvino¹⁹ entende que Deus, ao propor os preceitos das Bem-Aventuranças, não exige o impossível, mas chama os crentes a uma vida de obediência possível pela ação do Espírito Santo. Em ambos, a leitura “à contrapelo” se articula como denúncia de uma religião de aparências e como anúncio de uma espiritualidade encarnada.

A força dessa leitura é também retomada por pensadores modernos como John Stott, que comprehende o Sermão do Monte como uma “contracultura cristã”²⁰ Para ele, os padrões do Reino de Deus revelam um modelo de humanidade profundamente distinto dos modelos impostos pelo mundo moderno. Em vez de autoafirmação, humildade; em vez de dominação, mansidão; em vez de indiferença, fome de justiça. Esse *ethos* não pode ser assimilado aos critérios dominantes da civilização ocidental moderna e justamente por isso precisa ser afirmado como resistência profética.

É também nesse sentido que as Bem-Aventuranças podem ser lidas como “eventos de ruptura”²¹, em que a Palavra de Deus entra na história para desconstruir os discursos ideológicos naturalizados. Os que choram não são apenas consolados futuramente: sua dor é reconhecida agora, como parte da dignidade do humano diante de Deus. A mansidão não é fraqueza passiva, mas escolha deliberada de uma ética do cuidado e da confiança em Deus. A perseguição não é fracasso espiritual, mas evidência de fidelidade a um Reino que contradiz os reinos deste mundo.

A teologia latino-americana, especialmente em sua vertente da libertação, também se aproxima dessa leitura crítica. Onde as Bem-Aventuranças contêm uma “dimensão política da espiritualidade”²², pois tocam em temas concretos como a fome, a injustiça, a perseguição e a violência institucional. A espiritualidade das beatitudes, portanto, não pode ser reduzida a uma interioridade moralista ou sentimentalista, mas deve ser entendida como práxis transformadora da realidade, vivida em comunhão com os sofredores e os marginalizados.

Por fim, convém reafirmar que a leitura à contrapelo não relativiza o texto bíblico, mas amplia sua força crítica e profética. Ao invés de uma leitura domesticada e espiritualizante, que acomoda as Bem-Aventuranças a uma teologia da prosperidade ou a um moralismo abstrato, propõe-se uma hermenêutica que recupere o seu potencial escandaloso: a proclamação de um Reino onde os últimos são os primeiros, os humilhados são exaltados e os que têm fome e sede de justiça são saciados. É nesse espírito que este artigo propõe uma reatualização pastoral, teológica e ética do texto, convidando a igreja contemporânea a se reconhecer e se comprometer com a lógica invertida do Reino de Deus.

3. A ESTRUTURA PROGRESSIVA DAS BEATITUDES

As Bem-Aventuranças apresentam não apenas uma série de enunciados isolados sobre virtudes cristãs, mas uma progressão espiritual coerente, na qual cada beatitude se conecta organicamente à anterior, compondo uma espécie de itinerário formativo do discípulo no Reino de Deus. Essa progressividade não é meramente retórica, mas possui sentido teológico e pedagógico profundo, conforme apontado por diversos intérpretes clássicos e contemporâneos. Lloyd-Jones destaca que “a sequência das Bem-Aventuranças

¹⁸ CUVILLIER, E. (2015). O Sermão da Montanha: um convite à gratuidade e à confiança. (P. FACHIN, Entrevistador) Fonte: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUnoLineEdicao479.pdf>

¹⁹ CALVINO, João. **Comentário Bíblico João Calvino**: Novo Testamento. Recurso eletrônico, 2021.

²⁰ STOTT, 1978, p. 30.

²¹ DUSSEL, E. D. **Filosofia na América Latina**: filosofia da libertação. São Paulo: Loyola, 1977.

²² BOFF, Leonardo. **Nova evangelização, perspectiva dos oprimidos**. Fortaleza: Vozes, 1990.

não é acidental: elas se seguem em ordem lógica e inevitável”²³, apontando para um desenvolvimento do caráter cristão que parte da consciência de indigência espiritual e culmina na disposição para suportar a perseguição por causa da justiça.

A primeira bem-aventurança “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”, constitui a base sobre a qual todas as demais são construídas. O termo grego *ptōchos* ($\pi\tau\omega\chi\omega\iota$), segundo o léxico²⁴, refere-se a uma pobreza absoluta, à condição de completa dependência. Trata-se, portanto, de um reconhecimento existencial da própria insuficiência diante de Deus. A pobreza de espírito não diz respeito a uma condição econômica literal, mas a uma atitude interior de humildade radical, condição essencial para ingressar no Reino.

A partir desse ponto de partida, a sequência das Bem-Aventuranças descreve um movimento de aprofundamento espiritual. “Bem-aventurados os que choram”, segue logicamente à pobreza de espírito, pois quem reconhece sua miséria espiritual lamenta não apenas a própria condição, mas o pecado e a dor presentes no mundo. O lamento aqui expressa arrependimento e compaixão, sendo a promessa de consolo não apenas escatológica, mas presente²⁵: Deus é aquele que “cura os de coração quebrantado e cuida das suas feridas” (Sl 147.3).

A terceira bem-aventurança “Bem-aventurados os mansos”, introduz um aspecto relacional à progressão. A mansidão (*praeis*, gr. $\pi\rho\alpha\epsilon\iota\varsigma$) não é fraqueza passiva, mas força controlada, abertura à vontade de Deus e disposição para renunciar à vingança. Os mansos “são aqueles que, por estarem satisfeitos em serem governados por Deus, suportam pacientemente as injúrias dos homens”²⁶. A mansidão, nesse sentido, manifesta a transformação já operada pela consciência de pecado e pelo consolo divino. A recompensa prometida “herdarão a terra” ecoa o Salmo 37.11 e reafirma a esperança de uma herança futura aos que não confiam em sua própria força.

Segue-se a beatitude central: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. Aqui, a progressão espiritual alcança um clímax: o discípulo já não busca apenas sua própria transformação, mas anseia por uma ordem justa, conforme os padrões do Reino. A justiça (*dikaiosynē*, δικαιοσύνη) neste contexto possui um duplo sentido, pessoal e social, envolvendo tanto o desejo de viver em retidão diante de Deus quanto o anseio por um mundo reconciliado. Assim, “a justiça, nas Escrituras, não é um atributo estático, mas uma ação de Deus que restaura, julga e liberta”²⁷. A promessa de saciedade indica que Deus mesmo é aquele que responde à fome espiritual do crente, antecipando, já no presente, a plenitude escatológica.

As beatitudes seguintes apresentam os frutos dessa interioridade regenerada: a misericórdia, a pureza de coração e a pacificação. A misericórdia (*eleēmōn*) refere-se à disposição de agir com compaixão, como resposta à misericórdia previamente recebida. Aqui se revela um princípio espiritual fundamental: a graça recebida gera graça compartilhada. Assim, “a misericórdia é a compaixão em ação”²⁸, não uma emoção passiva, mas uma prática ativa de perdão, socorro e solidariedade.

Já a pureza de coração (*katharoi tē kardia*, v. 8) é compreendida como integridade interior, livre de hipocrisia ou divisão. No contexto judaico, o coração é o centro da vontade, do intelecto e da afeição. Ver a Deus, promessa associada a essa bem-aventurança, não é apenas um prêmio futuro, mas uma experiência presente de intimidade espiritual, conforme Hebreus 12.14: “sem santidade, ninguém verá o Senhor”. Assim, “o coração puro é aquele cujo único desejo é Deus”²⁹.

²³ LLOYD-JONES, 1981, p. 32.

²⁴ STRONG, Augustus Hopkins. Dicionário hebraico do Antigo Testamento. In: **Bíblia de estudo palavras-chave hebraico e grego**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

²⁵ CARSON, 2018, p. 18.

²⁶ CALVINO, João. **As institutas da religião cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 275.

²⁷ BART, Karl. **A revelação como sublimação da religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 114.

²⁸ STOTT, 1978, p. 45.

²⁹ WESLEY, 2021, p. 89.

A penúltima bem-aventurança “Bem-aventurados os pacificadores” (v. 9), apresenta o discípulo como agente ativo de reconciliação. A paz (*eirēnopoioi*) aqui não é mero estado de tranquilidade, mas um esforço concreto por restaurar relações rompidas. Os pacificadores são chamados “filhos de Deus”, pois participam do mesmo ministério reconciliador que Cristo assume (cf. 2Co 5.18-20). Em tempos de polarização, violência e rupturas sociais, essa vocação cristã torna-se um sinal do Reino no meio das tensões do mundo.

A última beatitude (vv. 10-12) não representa um novo traço de caráter, mas o resultado inevitável de viver conforme as anteriores: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça”. A perseguição aqui não é genérica, mas motivada pela fidelidade ao Reino. A repetição do refrão “porque deles é o Reino dos céus” (vv. 3 e 10) sugere uma inclusão literária que encerra o ciclo e reafirma que os discípulos, ao seguirem o caminho das beatitudes, pertencem integralmente ao Reino. Assim, “o chamado ao discipulado é, ao mesmo tempo, um chamado à cruz”.³⁰

Essa estrutura em arco, da pobreza de espírito à perseguição, revela um discipulado integral, que forma o ser, reforma a vontade, e projeta o agir no mundo. Cada bem-aventurança pressupõe um movimento espiritual de reconhecimento, transformação e compromisso. O caráter progressivo e interdependente das beatitudes constitui, portanto, não uma sequência de virtudes isoladas, mas uma pedagogia espiritual da vida cristã sob a orientação do Espírito e sob o senhorio de Cristo.

4. ESPIRITUALIDADE E ÉTICA NO DISCIPULADO CRISTÃO

As Bem-Aventuranças, ao delinearem a identidade espiritual dos cidadãos do Reino de Deus, transcendem a esfera do *ethos* privado e revelam implicações diretas para uma ética cristã comprometida com a transformação da realidade. O discipulado que emerge do Sermão do Monte não se esgota em um conjunto de virtudes devocionais, mas se projeta como forma de vida concreta, visível, relacional e encarnada na história. A espiritualidade ensinada por Jesus é inseparável de sua ética: ambas partem do coração transformado e se manifestam nas práticas da misericórdia, da justiça, da reconciliação e da fidelidade, mesmo em meio à perseguição. Com isso, “o cristão é chamado a viver de forma diferente, não como um ideal abstrato, mas como testemunho real da presença do Reino de Deus entre os homens”.³¹

Essa íntima relação entre espiritualidade e ética já se manifesta na própria forma como as Bem-Aventuranças são apresentadas. As primeiras beatitudes enfatizam uma espiritualidade interior, a pobreza de espírito, o lamento pelo pecado e a mansidão enquanto as subsequentes revelam os frutos éticos dessa interioridade regenerada: fome de justiça, misericórdia, pureza de coração, pacificação. Essa conexão entre ser e agir ecoa o princípio joanino segundo o qual a fé autêntica se revela nas obras (cf. 1Jo 3.18), e está em consonância com a teologia reformada, para a qual a regeneração pela graça conduz inevitavelmente a uma vida de boas obras.³²

A bem-aventurança dos misericordiosos (Mt 5.7) ilustra esse princípio de modo paradigmático. A misericórdia, na tradição bíblica, é uma resposta concreta à miséria do outro, não um sentimento genérico de pena, mas uma disposição ativa de compaixão e justiça. O termo grego *eleēmōn* (ἐλεήμων) está ligado à ação salvífica de Deus no Antigo, sendo, portanto, um atributo divino que se torna também traço do discípulo. Assim, a misericórdia cristã se expressa no perdão ao ofensor, no cuidado aos necessitados e na denúncia das injustiças. Nesse sentido, a espiritualidade cristã se converte em ação, e a ética do Reino se manifesta em práticas de solidariedade e reconciliação.³³

A beatitude seguinte, “Bem-aventurados os limpos de coração”, aponta para uma espiritualidade

³⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado* [recurso eletrônico]. Tradução de Murilo Jardelino e Clemelia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

³¹ STOTT, 1978, p. 57.

³² CALVINO, 2006.

³³ WESLEY, 2021, p. 92.

ética que não separa o interior do exterior. A pureza do coração não é sinônimo de perfeição moral, mas de integridade, autenticidade e ausência de duplicitade diante de Deus. O coração, no imaginário bíblico, é o centro da pessoa, lugar das intenções, desejos e decisões. Para ver a Deus, promessa vinculada a essa bem-aventurança, é preciso estar interiormente rendido a Ele, sem hipocrisia, sem divisão entre fé e vida. Com isso, “os limpos de coração veem Deus não porque tenham removido toda imperfeição, mas porque abandonaram toda tentativa de manipular a presença de Deus segundo seus próprios interesses”.³⁴

A bem-aventurança dos pacificadores (Mt 5.9) acentua o aspecto mais social e político da espiritualidade cristã. A paz, no contexto bíblico, não é apenas ausência de conflito, mas a plenitude da reconciliação com Deus e com o próximo, *shalom*. Os discípulos que promovem a paz, mesmo em contextos de violência e polarização, são chamados filhos de Deus, pois participam de sua missão reconciliadora. Aqui se evidencia o caráter missional da ética cristã: o discípulo, regenerado interiormente, torna-se instrumento da reconciliação no mundo. Para ser pacificador exige mais do que boas intenções, exige coragem, humildade e disposição para atravessar os conflitos em nome da justiça e da verdade.³⁵

A espiritualidade das Bem-Aventuranças culmina na bem-aventurança dos perseguidos por causa da justiça, revelando o custo ético do discipulado. A fidelidade à justiça do Reino, em um mundo hostil à sua lógica, inevitavelmente provoca rejeição. Jesus não apenas reconhece essa realidade, como a apresenta como sinal de bênção e pertença ao Reino. Sobre essa beatitude, adverte-se que “onde a igreja não é perseguida, é porque ela abandonou a cruz”.³⁶ A espiritualidade bíblica é, assim, inseparável de uma ética de resistência, que se mantém fiel à Palavra mesmo quando isso implica sofrer por ela.

Essa relação entre espiritualidade e ética é também enfatizada por Jacques Ellul³⁷, para quem o cristianismo não é uma moralidade imposta, mas uma resposta ética nascida da graça. A ética cristã é “uma ética da liberdade” não autonomia arbitrária, mas liberdade para obedecer a Deus de forma responsável e criativa. As Bem-Aventuranças oferecem, nesse sentido, um modelo de ética encarnada, fundada na experiência da graça, conformada ao caráter de Cristo e direcionada para o serviço ao próximo.

A espiritualidade que Jesus apresenta no Sermão do Monte é, portanto, incompatível com uma religião centrada no individualismo ou no moralismo. Ela exige uma reconfiguração do ser humano por inteiro: mente, coração, vontade e ação. Essa espiritualidade é cultivada no segredo da comunhão com Deus, mas se manifesta publicamente na justiça, na paz, na misericórdia e na santidade. Trata-se de uma espiritualidade que transforma não apenas o sujeito, mas também suas relações, sua comunidade e sua sociedade. Em outras palavras, “o Espírito de Deus forma um povo que vive já agora os sinais do Reino vindouro”.³⁸

5. A DIMENSÃO ESCATOLÓGICA DAS RECOMPENSAS

As Bem-Aventuranças de Mateus 5.1–12 articulam com notável densidade teológica uma espiritualidade voltada ao presente e orientada para o futuro. Essa tensão entre o “já” e o “ainda-não” do Reino de Deus está expressa na própria estrutura das beatitudes, que vinculam estados de sofrimento, carência e virtude no presente a promessas de consolação, herança e visão de Deus no porvir. A escatologia, longe de ser um mero apêndice doutrinário, é constitutiva da mensagem do Sermão do Monte: ela orienta a prática do discipulado cristão ao projetar sobre o tempo presente à luz do Reino que se aproxima. Como assinala Oscar Cullmann³⁹, a escatologia do Novo Testamento possui um caráter “tensionado”, em que a vitória de Cristo na cruz inaugura o Reino, mas sua plenitude ainda aguarda consumação.

³⁴ BONHOEFFER, 2012, p. 58.

³⁵ CARSON, 2019, p. 58.

³⁶ BONHOEFFER, 2012, p. 65.

³⁷ ELLUL, Jacques. *A subversão do Cristianismo*. Projeto Despertem, 2007.

³⁸ MOLTMANN, 2007, p. 134.

³⁹ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Liber, 2001

Essa tensão está marcada nos próprios tempos verbais das promessas: enquanto a primeira e a última beatitude utilizam o tempo presente “deles é o Reino dos Céus”, as demais utilizam o futuro “serão consolados”, “herdarão a terra”, “verão a Deus”. O uso do presente nos versículos 3 e 10 indica que a posse do Reino é realidade atual para os discípulos, embora não esgotada em sua totalidade. Já o uso do futuro sugere a realização plena das promessas no horizonte escatológico. Essa estrutura inclusiva, anáfora e epífora em torno do “Reino dos Céus”, reforça a ideia de que a vida cristã se desenrola sob o signo da esperança escatológica.

A bem-aventurança dos que choram, por exemplo, associa o sofrimento presente à promessa de consolo divino: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”. A promessa remete não apenas à compaixão imediata de Deus, mas também ao consolo escatológico reservado aos que perseveraram na fé. Trata-se de um consolo que não ignora o sofrimento, mas que o reconhece como parte do caminho que conduz à glória. Assim: “a esperança cristã não é fuga do mundo, mas antecipação do futuro de Deus que já começou a romper no presente”⁴⁰

Essa antecipação também se manifesta na promessa feita aos mansos: “herdarão a terra”, em evidente referência ao Salmo 37.11. Aqui, a promessa escatológica adquire contornos concretos, indicando não apenas um futuro espiritual abstrato, mas uma herança real, corporal, cósmica. A teologia paulina confirma essa leitura: a criação aguarda com ardente expectativa a manifestação dos filhos de Deus. A herança dos mansos é, portanto, o próprio mundo redimido pela vinda definitiva do Reino.

A dimensão escatológica das Bem-Aventuranças torna-se ainda mais explícita nas promessas feitas aos que têm fome e sede de justiça, aos misericordiosos, aos limpos de coração e aos pacificadores. Estes não apenas participam de um processo de santificação no presente, mas vivem sob a promessa de uma recompensa que ultrapassa o tempo histórico. “Serão fartos”, “alcançarão misericórdia”, “verão a Deus”, “serão chamados filhos de Deus”, todas essas promessas apontam para uma plenitude que somente se concretiza plenamente no encontro escatológico com Deus.

Particular destaque merece a última bem-aventurança: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”. Aqui, a bem-aventurança ultrapassa a dimensão descritiva e assume tom de exortação. A perseguição, por sua própria natureza, remete à tensão escatológica entre o Reino e os reinos deste mundo. A repetição do refrão “deles é o Reino dos Céus” indica que os perseguidos já participam do Reino, ainda que de maneira paradoxal por meio da rejeição, da marginalização e do sofrimento. Essa bem-aventurança pode ser vista como o selo do discipulado autêntico: “o discípulo é aquele que sofre por Cristo, porque se tornou como Ele”⁴¹.

A escatologia das Bem-Aventuranças, portanto, não é compensatória, no sentido de prometer uma recompensa futura para justificar o sofrimento presente. Antes, ela é transformadora: reorienta a experiência atual à luz da realidade futura do Reino. Essa esperança escatológica é também fonte de perseverança, pois fortalece o discípulo a resistir às tentações do triunfalismo, da violência e da autossuficiência. Como observa Wright, “o futuro já começou, e a ética do Reino é a prática da ressurreição em meio ao velho mundo”⁴².

Por fim, convém sublinhar que essa dimensão escatológica não desresponsabiliza o cristão em relação ao presente. Ao contrário, é precisamente por esperar “novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça”, que o discípulo vive agora de modo santo e diligente. A espiritualidade das Bem-Aventuranças é, nesse sentido, escatológica e engajada: vive o tempo presente como espaço de fidelidade, testemunho e antecipação do Reino. Como afirma Boff: “quem espera em Deus, compromete-se com a justiça”⁴³.

⁴⁰ MOLTmann, 2007, p. 124.

⁴¹ BONHOEFFER, 2012, p. 65.

⁴² WRIGHT, Nicholas Thomas. **History and eschatology**: Jesus and the promise of natural theology. London: SPCK; New York: HarperOne, 2020, p. 115.

⁴³ BOFF, 1981, p. 83.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Bem-Aventuranças, que introduzem o Sermão do Monte, representam um dos mais profundos e desafiadores programas de formação espiritual e ética do cristianismo. Longe de constituírem um ideal inatingível ou uma proposta moralista, elas se apresentam como um caminho de discipulado enraizado na graça, orientado pela cruz e iluminado pela esperança escatológica do Reino de Deus. Ao longo deste estudo, procurou-se evidenciar que o texto de Mateus 5.1-12 articula uma espiritualidade contracultural que se desdobra em práticas éticas concretas, exigindo do discípulo uma renovação interior que transborda em misericórdia, justiça, pureza e pacificação.

A leitura teológico-pastoral aqui proposta recupera, com base na tradição cristã e em ferramentas hermenêuticas contemporâneas, a força subversiva das Bem-Aventuranças. Ao assumir a leitura “à contrapelo”, inspirada nas teses de Walter Benjamin, procurou-se ressaltar as inversões semânticas e teológicas operadas por Jesus: o Reino é dos pobres de espírito, dos mansos, dos que choram e dos perseguidos. Tal perspectiva não apenas desafia os discursos triunfalistas e individualistas que permeiam parte da espiritualidade moderna, mas também restitui às Bem-Aventuranças sua função profética e transformadora.

Demonstrou-se, ainda, que as Bem-Aventuranças seguem uma estrutura progressiva, cujo percurso pedagógico conduz o discípulo do reconhecimento de sua dependência de Deus até a disposição para sofrer por amor à justiça. A ética cristã, nessa perspectiva, não é uma imposição externa, mas o fruto de uma espiritualidade regenerada, sustentada pela promessa escatológica. A tensão entre o “já” e o “ainda-não” do Reino molda o agir do cristão no mundo: ele é bem-aventurado agora, mesmo em meio à dor, porque vive sob a promessa de uma herança futura que já irrompe na história por meio da presença do Espírito.

Em tempos de crise moral, religiosa e comunitária, as Bem-Aventuranças oferecem à Igreja não apenas um diagnóstico da condição humana diante de Deus, mas também uma rota para a reconstrução de uma espiritualidade bíblica, enraizada na Palavra e encarnada na vida. Elas convocam a Igreja a abandonar o conformismo religioso, a rejeitar o moralismo vazio e a assumir o discipulado como estilo de vida que testemunha, no aqui e agora, os sinais do Reino vindouro. Como proclama Jesus, bem-aventurados são os que trilham esse caminho mesmo em meio à incompreensão, porque deles, hoje e para sempre, é o Reino dos Céus.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *O Sermão da Montanha e escritos sobre a fé*. São Paulo: Paulus, 2017.
- BART, Karl. *A revelação como sublimação da religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História *In: BENJAMIN, Walter. O anjo da história*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Nova evangelização, perspectiva dos oprimidos*. Fortaleza: Vozes, 1990.
- CALDERÓN, Carlos Alberto. *Seguir a Jesus hoy, al estilo de las Bienaventuranzas*, Medellin (66), 1991 disponível em: <https://documental.celam.org/pp/index.php/medellin/article/view/1087/997>
- CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- CALVINO, João. *Comentário Bíblico João Calvino*: Novo Testamento. [Recurso eletrônico]. 2021
- CARSON, D. A. *O Sermão do Monte*: exposição de Matheus 5-7. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Liber, 2001.

CUVILLIER, E. (2015). **O Sermão da Montanha**: um convite à gratuidade e à confiança. (P. FACHIN, Entrevis-tador) Fonte: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUnoLineEdicao479.pdf>

DUSSEL, E. D. **Filosofia na América Latina**: filosofia da libertação. São Paulo: Loyola, 1977.

ELLUL, Jacques. **A Subversão do Cristianismo**. Projeto Despertem, 2007.

JONES, D. Martyn Lloyd Jones. **Estudos no Sermão do Monte**. 9.ed. São Paulo: Fiel, 1981.

LÖWY, Michael. "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, São Paulo, n.25/26, p.20-28, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011.

MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início**: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Elder, 2007.

PEARLAMAN, Myer. **Mateus o Evangelho do Grande Rei**. Bangu: CPAD, 2021.

STOTT, John R. W. **A Mensagem do Sermão do Monte**. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1978.

STRONG, Augustus Hopkins. **Dicionário hebraico do Antigo Testamento**. In: Bíblia de estudo palavras-chave hebraico e grego. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

WESLEY, John. **O Sermão do Monte**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida, 2012.

WRIGTH, Nicholas Thomas. **History and eschatology**: Jesus and the promise of natural theology. London: SPCK; New York: HarperOne, 2020.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional